

Friedrich Nietzsche: metafísica, mitologia e linguagem*

Silvia Rivera**

Resumo: O tema da linguagem atravessa com uma persistência significativa e peculiar as obras de Nietzsche. É assim porque o problema da linguagem e do seu poder está presente em toda a sua crítica à história da filosofia ocidental. É essa “história de um erro” que Nietzsche delinea e que abarca toda a tradição metafísica desde Platão até os nossos dias.

Palavras-chave: linguagem – metafísica – verdade – retórica

A filosofia inaugura-se sobre o signo da metafísica. Contra a desvalorização da vida operada pela inversão metafísica, Nietzsche luta com armas distintas em cada um de seus livros. Mas sua luta encontra um obstáculo, que se apresenta de modo ocasional, mas que é decisivo porque compromete o futuro de sua tarefa. Esse obstáculo é a linguagem. Nietzsche de imediato adverte que lhe falta linguagem para consumir a crítica desconstrutiva da metafísica e também para percorrer os caminhos que essa desconstrução abre.

* Este trabalho foi apresentado no Simpósio Nietzsche – Homenagem pelos 100 anos de sua morte, realizado em Buenos Aires em 29 e 30 de agosto de 2000. Traduzido por Adriana Moreira Belmonte.

** Professora de filosofia da Faculdade de Ciências Sociais da UBA e da Universidade Nacional de Lanús.

Pois toda uma mitologia filosófica reside na estrutura mesma da linguagem, nos diz Nietzsche em *O andarilho e sua sombra* (WS/AS § 11). Nesse sentido, a linguagem é sempre metafísica, contém um “fetichismo grosseiro” que nos obriga a ver e a dizer em todas as partes agentes, atos, substância, causalidade, vontade, ser: “a ‘razão’ na linguagem: oh, que velha, enganadora personagem feminina! Temo que não nos desvencilharemos de Deus, porque ainda acreditamos na gramática...” (GD/CI, A “razão” na filosofia § 5).

Ao mesmo tempo em que a racionalidade socrática mata a tragédia grega, a linguagem lógica do filósofo esvazia de intuições as palavras, transformando-as em cascas que perderam seu sentido. Em um primeiro momento, Nietzsche apresenta isso de um modo embrionário, mas muito claro. No texto intitulado *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, redigido em 1873, Nietzsche concebe a linguagem como uma concordância que surge quando a guerra natural de todos contra todos chega a um acordo. A linguagem é, assim, uma síntese de convenções, de acordos, de designações válidas para o sucessivo. Mas como a designação corresponde à coisa mesma? Apresenta-se talvez nesse acordo a possibilidade e o fundamento do real?

Nesse ponto, a suspeita de Nietzsche atinge o eixo em torno do qual se articula toda a filosofia metafísica: o conceito de representação. A metafísica é logocêntrica, e isso significa que o que se enfatiza da linguagem é a sua capacidade para designar, isto é, para alcançar os objetos do mundo e representá-los. Sobre essa base se estabelece um modelo de verdade como *adaequatio*, como correspondência entre as palavras e as coisas, os fatos e as proposições ou também entre a linguagem e o mundo, conforme ascendemos no grau de generalidade de nossa perspectiva. A possibilidade que tem a linguagem de dizer a verdade se baseia no postulado que afirma a existência de uma conexão necessária e essencial entre os termos assinalados, sempre e quando se os considera em seu aspecto estrutural; conexão que permite à linguagem, em última instância, reve-

lar a ordem *a priori* do mundo. E, tal como afirma Cacciari, conceber a lógica da linguagem como expressão da ordem do mundo é “a máxima ilusão metafísica” (Cacciari 1, p. 70).

O movimento de inversão na orientação dos valores que teve lugar na Grécia com a emergência do “socratismo” afeta de um modo especial a linguagem, cuja compreensão se distorce por causa desse dimensionamento exagerado do nível semântico, que acaba por asfixiar os demais níveis, a um ponto tal que a partir dele se define a linguagem mesma, o significado e a verdade. Verdade que, para Nietzsche, é “um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias; as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas” (WL/VM § 1).

Para Nietzsche, todo modelo em que se estabeleça uma conexão necessária entre a linguagem e o mundo, de modo tal que a estrutura lógica da primeira se converta em um instrumento eficaz e transparente para dar conta da ordem estrutural do segundo, é “ilusão” e “delírio metafísico” (Sini 5, p. 86). A enfermidade metafísica está contida, assim, no modelo lingüístico que a tradição platônica impõe. Esse modelo distorce a relação linguagem-mundo, sublimando-a, ao esconder os elementos retóricos que operam na linguagem e que fazem dela uma “*dynamis*”: “A força que Aristóteles chama de retórica, que é a força de lançar luz e fazer ver em cada coisa o que impressiona e é eficaz, essa força é ao mesmo tempo a essência da linguagem; essa essência, como a retórica, tampouco se refere ao verdadeiro, à essência das coisas; não quer instruir, mas transmitir aos outros uma emoção e uma aprendizagem subjetiva” (Nietzsche, “Curso de Retórica”, § 3).

Com efeito, a linguagem não surgiu em função da verdade, ou com o fim de esclarecer a verdade. Deriva de uma força retórica originária que aponta para a persuasão e ao “fazer valer”, portanto, para os valores. Por outro lado, essa caracterização se estende ao homem mesmo, que coincide com o instinto originário de dominação que se apresenta explicitamente na linguagem pré-filosófica. O homem não foi feito para o conhecimento. O conhecimento é uma transposição instintiva que, paradoxalmente, termina por negar-se, opor-se à vida de que surge. Se encontramos algo na origem da linguagem é uma transformação da representação, uma falsificação que violenta a irreduzível dispersão e multiplicidade do mundo, introduzindo analogias e semelhanças com o objetivo de tornar idêntico o não-idêntico. Por meio da linguagem se alcança a estabilidade e a regularidade dos fenômenos e dos sujeitos. Fixam-se as identidades e postulam-se leis permanentes que regem a mudança e a transformação. Desse modo, o consenso é possível entre os homens. Consenso sobre os significados que é a primeira condição de possibilidade da comunicação e, portanto, também do intercâmbio social. A pretensão de verdade, tal como afirma Carlo Sini, surge de um pacto social entre os homens. Nesse pacto, diz Nietzsche, “é fixado aquilo que doravante deve ser a ‘verdade’, isto é, é descoberta uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, e a legislação da linguagem dá também as primeiras leis da verdade” (WL/VM § 1).

Porque a linguagem, toda linguagem, oculte ou não, é sempre analogia, metáfora, mentira e disfarce. E esses são também os limites do conhecimento humano. O mundo de nossa representação é uma inexorável superposição de ficções. Ficções fixadas pelo poder dos signos que, em um incessante jogo de remissões infinitas, não reconhece sujeito criador algum. O sujeito é mais uma ficção, assim como o é a existência de um pólo objetivo de sentido que coloque ponto final nas interpretações. Essas interpretações são sempre perspectivas e injustas, porque são o produto de uma falsificação.

Mas qual é, então, o escândalo da falsificação metafísica da linguagem, se a linguagem é originalmente falsificação, máscara e disfarce? Em que reside a gravidade dessa falsificação filosófica secundária que disfarça a inevitável distorção que a linguagem impõe ao mundo? Chegado a esse ponto, já não há dúvida acerca da resposta. O grave é que ao encobrir e negar esse poder, a metafísica deixa sem contenção a capacidade da linguagem de criar ídolos, tal como afirma Nietzsche nos primeiros capítulos de *Para além de bem e mal*, ao falar da causa, do efeito e da vontade livre (Cf. JGB/BM § 19 e § 21). É em alguma ou outra “sedução por parte da gramática” (JGB/BM, Prólogo) que se apóiam as elevadas construções dos filósofos dogmáticos, aqueles que se esforçam por negar o solo originário do qual surgem as verdades. Esse solo originário remete a condições fisiológicas, metabólicas e raciais¹, isto é, às formas de vidas dos homens: “O encanto exercido por certas funções gramaticais é, em última instância, o encanto de condições raciais e juízos de valor *fisiológicos* (JGB/BM § 20)”.

O perigo da linguagem se faz presente somente quando tratamos o mundo de signos como um “em si”: “quando isso ocorre”, diz Nietzsche, “agimos como sempre fizemos, ou seja, mitologicamente” (JGB/BM § 21). Desse modo, coloca-se um limite arbitrário no jogo dos signos e das interpretações, visto que o subordina à necessidade e à finalidade. “Sobre todas as coisas”, recorda-nos Nietzsche, “está o céu Acaso, e o céu Inocência, o céu Eventualidade, o céu Desenvoltura” (Za/ZA, Antes do nascer do sol). Não é a verdade o que se esconde por trás da linguagem, mas “o enigma do signo e seu reenvio infinito” (Sini 5, p. 121). Desse modo entende Zaratustra quando se põe a caminho até o além-do-homem, que é também um colocar-se a caminho até a linguagem, quer dizer, até um mundo que encerra em si interpretações infinitas.

O objetivo mais importante de Zaratustra é anunciar uma nova prática filosófica sobre a base da completa destruição do niilismo

da metafísica clássica. Uma prática filosófica que se apresenta como sabedoria dionisiaca, que afirma a tragédia da vida, convertendo-se em expressão acabada e consciente da vontade de potência. Nietzsche tem claro que, para realizar essa tarefa, não dispõe de um instrumento adequado. Utilizar a linguagem habitual dos filósofos supõe o inevitável debilitar-se de sua mensagem, contaminada pelas suposições decadentes que se inscrevem no nível sintático. O êxito de uma desconstrução definitiva dos erros metafísicos repousa na possibilidade de deslocar a estrutura lógica da linguagem. Para transitar novos caminhos, há de inventar uma nova linguagem. A filosofia do porvir necessita encontrar novos meios expressivos e é por isso que Zarathustra recorre à alegoria, à metáfora, e às imagens poéticas. Da crítica da linguagem depende em definitivo o alcance de seu objetivo e a ela se dedica de forma paralela à invenção desses modos alternativos de expressão que lhe permitem evitar, ou ao menos manejar, a “alienação lingüística” – se me é permitido utilizar, por considerá-la ilustrativa, palavras que não fazem do vocabulário de nosso filósofo. Porque, como afirma Rossi-Landi, toda linguagem é ideológica assim como toda ideologia é lingüística (Rossi-Landi 4, p. 235).

Sem crítica da linguagem sempre permanecerá em nosso discurso um resquício dogmático. Porque se não é possível anular essa alienação lingüística ou falsificação originária da linguagem, é possível dominá-la ao reconhecê-la, afirmá-la e querê-la. Convertendo-a em instrumento da vontade de potência, o criador abre-se ao jogo de uma *semiosis* infinita que, se apartando por completo do modelo clássico, tem coragem suficiente para afirmar a desaparecimento completa do texto sob a interpretação (JGB/BM § 22). Até as leis “naturais” dos físicos são modos de interpretar, ou seja, preparar o mundo (JGB/BM § 14), de tal modo que somente a filologia ruim de alguns cientistas acaba por outorgar-lhes *status* ontológico ou literal.

É necessário ter em conta que o perigoso não é o incessante e amoral jogo estético da vontade de potência que define a vida e que utiliza a linguagem para criar e impor máscaras. O perigoso é o autoritarismo que se segue ao impor referenciais obrigatórios ou formas necessárias de interpretação fundamentadas em substâncias objetivas ou sujeitos transcendentais².

Abstract: The theme of language is present throughout Nietzsche's oeuvre with significant and peculiar persistence. Indeed, the importance of language and its power is present in all of his criticism of the history of Western philosophy. Nietzsche sketches this "history of an error," which encompasses the metaphysical tradition that stretches from Plato to the present.

Key-words: language – metaphysics – truth – rhetoric

notas

- ¹ Em relação a isso Nietzsche destaca que é justamente essa base material ou orgânica da linguagem o mais difícil de traduzir de um idioma para outro. (Cf. JGB/BM § 28).
- ² Esse perigo espreitava Nietzsche quando, fascinado pelas sereias wagnerianas, é seduzido pela música "representativa" de Wagner. No drama wagneriano, a palavra consegue designar, alcançando um reino de significados independentes. Mas Nietzsche logo descobrirá que não há mensagem alguma para além dos signos.

referências bibliográficas

1. CACCIARI, Massimo. *Krisis: Ensayo sobre la crisis del pensamiento negativo de Nietzsche a Wittgenstein*. México, Siglo XXI, 1982.
2. NIETZSCHE. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlim/Munique: Walter de Gruyter/dtv, 1988.
3. _____. *Obras incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1991.
4. _____. *Curso de Retórica*. Tradução: Thelma L. da Fonseca. In: *Cadernos de Tradução*. São Paulo: 1999.
4. ROSSI-LANDI, Ferruccio. *Ideología*. Barcelona: Labor, 1980.
5. SINI, Carlo. *Semiótica y filosofía*. Buenos Aires: Hachette, 1985.